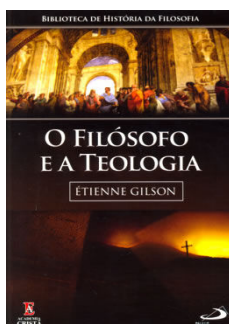


GILSON, ÉTIENNE. *O filósofo e a Teologia*. Prefácio de Jean-François Courtine. Tradução de Tiago José Risi Leme. Santo André: Academia Cristã: São Paulo: Paulus, 2009. Título original: *Le Philosophe et la Théologie*. Brochura. Formato: 14 x21cm. 244 páginas. ISBN: 978-85-98481-25-8.

Por Daniel Nunes Pêcego – Instituto *Aquinate*



Depois dos lançamentos no Brasil de algumas importantes obras de Étienne Gilson (1884-1978), como a já tradicional “História da Filosofia Cristã” (em coautoria com Philoteus Boehner, publicada pela *Vozes*); “Deus e a Filosofia”, publicado pela portuguesa “Edições 70”; as monumentais “A Filosofia na Idade Média” e “O espírito da Filosofia Medieval”, ambas pela *Martins Fontes*; a “Introdução ao Estudo de Santo Agostinho”, em coedição da *Discurso Editorial* e *Paulus*, eis que o público leitor brasileiro é presenteado com mais um importante livro do acadêmico francês.

Trata-se de uma autobiografia intelectual do grande filósofo medievalista e historiador da Filosofia que foi Gilson. *Autobiografia*, porque neste livrinho, escrito em 1959 e lançado em 1960, o autor vai narrando a sua já então longa vida (75 anos de idade). *Intelectual*, porque em Gilson a vida cronológica e a vida intelectual se confundem e se mesclam de tal modo que se torna quase impossível diferenciá-las. É a sina (para o bem e para o mal) dos verdadeiros sábios e neste ponto - como em vários outros - Gilson segue de perto seu mestre, Santo Tomás de Aquino.

O tema central da obra é propriamente o das possibilidades de uma filosofia cristã e de seus fundamentos, assunto de maior interesse para Gilson e tratado em outros lugares. Para tanto, ele começa narrando o início de sua formação acadêmica e de como ela se deu de forma afastada dos marcos

cristãos e tomistas, dado o modelo de educação em vigor na França de então (e na de hoje também, infelizmente).

Trata ainda extensamente, nos capítulos VI a VIII, do que se poderia chamar de o “drama bergsoniano”. E este consiste fundamentalmente no fato de que se pediu a Henri Bergson mais do que ele poderia dar, ou seja, exigiu-se de um autor não-cristão uma resposta que somente a Filosofia Cristã poderia idoneamente fornecer.

Sobre esta última, tratada especialmente ao longo do capítulo IX, Gilson aponta o papel essencial exercido pela Encíclica *Aeterni Patris*, do Papa Leão XIII, no sentido de sistematizar e apontar a coerência de se falar em uma filosofia que seja propriamente cristã e que se desenvolva em união íntima com a fé, que não a razão, e cujo modelo maior é sem dúvida o Doutor Angélico.

Mostra também que a afirmação medieval “*philosophia ancilla theologiae*” nada tem de desdenhoso em relação à Filosofia propriamente dita. Antes, dava-lhe uma função nobilíssima de auxiliar no exame das verdades mais elevadas. E, numa comparação que pode dar bons resultados pedagógicos no âmbito de uma sociedade acostuada a pensar a partir de modelos científicos, a Matemática também poderia ser considerada *serva* da Física (p. 197).

No capítulo “A arte de ser tomista”, Gilson resume e apresenta em belas páginas de tom agridoce as venturas e desventuras de se filiar à Filosofia pautada na obra do Aquinate. As primeiras – sobretudo o saber-se seguidor e propagador de uma doutrina seguríssima - superam em muito as segundas, fundamentalmente as perseguições e incompreensões, até mesmo de quem menos se espera (ver, p. ex., pp. 41-2).

Sobre este ponto vale perguntar: A imagem do tomista em relação à Suma Teológica como a do peixe no mar (p. 206) não é perfeita? O portento que é a *Summa Theologiae* é comparável à vastidão do oceano!

A tradução de Tiago Leme é boa e a referência a Santo Agostinho na datação ao fim de seu trabalho indica que o fez com ânimo elevado. Uma segunda edição ou reimpressão apenas pediriam uma rápida correção que dê conta de pequenos lapsos, não do tradutor, mas da revisão. Assim, por exemplo, na p. 199, a acentuação correta de “númida”. Obviamente, nada que sacrifique minimamente a leitura.

Recomenda-se vivamente a leitura deste livro. Ele pode esclarecer a mente de muitos que conservam certo preconceito em relação ao tomismo e, sobretudo, é instrumento apto para fazer com que os seguidores de Santo Tomás se sintam animados a manifestarem mais claramente as convicções advindas de suas pesquisas, deixando de lado “precauções” e “estratégias” na



apresentação de seu trabalho que, de resto, parecem não ter servido para nada.
Em outras palavras: Tomistas, tirem o véu!